

## Publicações Conhecimento

Cidades Inteligentes e Agenda  
Pendente Impostergável  
Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Organizadores

Maiores Desigualdades e Vulnerabilida-  
des. Repensando as Sociedades, as  
Democracias e os Sistemas Jurídicos  
Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Organizadores

Tratado da Agenda Pluridisciplinar  
Pendente dos Direitos Fundamentais à  
Água Potável e ao Saneamento  
Ambiental  
Deilton Ribeiro Brasil  
Organizador

Tratado sobre as adaptações à mudan-  
ças climáticas, catástrofes, desloca-  
mento humano e gestão de riscos,  
pensando localmente e agindo global-  
mente  
Deilton Ribeiro Brasil  
Organizador

Tratado sobre a análise do cenário  
penal do Direito de Família  
Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Organizadores

Tratado sobre as Inconsistências do  
Direito Penal sob os Prismas da Legiti-  
midade e da Transdisciplinaridade  
Deilton Ribeiro Brasil  
Organizador

“Las tecnologías inteligentes, más inteligentes y futuras presentan oportunidades y desafíos sin precedentes. Para aprovechar al máximo su potencial y mitigar sus riesgos, es esencial un enfoque holístico que priorice la protección de los derechos fundamentales de las personas. La colaboración entre gobiernos, empresas, investigadores y la sociedad civil es crucial para construir un futuro en el que la IA sirva a la humanidad de manera justa, equitativa y sostenible. El desarrollo responsable de la IA no es una opción, sino una necesidad imperativa para garantizar un futuro mejor para todos.

En ese sentido, la presente obra abraza en su desarrollo de manera insular como señora dichas temáticas, a efectos de proporcionar profundas reflexiones y aportes de importantes profesionales especialistas.

Así, es de verse que la sumamente interesante y trascendente propuesta que la contiene, la convierte en una fuente de obligatoria consulta y referencia de los lectores del orbe”.

*JORGE ISAAC TORRES MANRIQUE*  
Presidente de la Escuela Interdisciplinar de  
DD. FF. Praeeminentia Iustitia.  
Abogado por la UCSM. Doctorados en  
Derecho y Administración por la UNFV.  
Autor y director de más de 150 libros y  
tratados en diversas ramas jurídicas, con  
enfoques de DD. FF. e interdisciplinariedad,  
publicados en 18 países.  
Codirector de los Códigos Penales  
Comentados de Ecuador, Colombia,  
Chile y Panamá.



www.conhecimentolivrraria.com.br



Challenges of intelligent, smarter,  
and future technologies and  
fundamental rights

Desafios de las tecnologías inteligentes,  
más inteligentes, futuras y derechos  
fundamentales

Desafios das tecnologias inteligentes,  
mais inteligentes, futuras e direitos  
fundamentais

Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Presidencia de la Dirección Científica

Prólogo  
Jorge Isaac Torres Manrique

## Desafios das tecnologias inteligentes, mais inteligentes, futuras e direitos fundamentais

## Desafíos de las tecnologías inteligentes, más inteligentes, futuras y derechos fundamentales

## Challenges of intelligent, smarter, and future technologies and fundamental rights



## COAUTORES

Alana Gabriela Engelmann  
Alcides Antúnez Sánchez  
Anjali Baskar  
Cleide Calgaro  
Cristina Godoy Bernardo de Oliveira  
Daiane Borowicc  
David Enrique Pérez González  
Deilton Ribeiro Brasil  
Dirceu Pereira Siqueira  
Edson Vieira Abdala  
Elena E. Gulyaeva  
Favio Farinella  
Francielli Parini  
Gabriela Oliveira Silva Vasconcelos  
Jhon W. L. Uchoa  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Judite Sanson de Bem  
Leaned Matos Hidalgo  
Luiz Henrique Urquhart Cademartori  
Marcelo Larger Carneiro  
Marco Anthony Steveson Villas Boas  
Marcos Leite Garcia  
Mayume Caires Moreira  
Pablo Rafael Banchio  
Priscila Caneparo  
Raquel Suiara Martínez  
Rosa Ramos  
Rubens Beçak  
Sérgio Tibiriçá Amaral  
Shreya Deb  
Silmara Veiga Montemor  
Tamara Brant Bambirra  
Tiago Augustini de Lima  
Wagner Santos da Cunha Chaussê  
Yamilé González Cabrales  
Yulia Sergeevna Kharitonova

DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS INTELIGENTES,  
MAIS INTELIGENTES, FUTURAS E  
DIREITOS FUNDAMENTAIS

DESAFÍOS DE LAS TECNOLOGÍAS  
INTELIGENTES, MÁS INTELIGENTES,  
FUTURAS Y DERECHOS FUNDAMENTALES

CHALLENGES OF INTELLIGENT, SMARTER,  
AND FUTURE TECHNOLOGIES AND  
FUNDAMENTAL RIGHTS



Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique  
PRESIDENCIA DE LA DIRECCIÓN CIENTÍFICA

Prólogo  
Jorge Isaac Torres Manrique

DESAFIOS DAS TECNOLOGIAS INTELIGENTES,  
MAIS INTELIGENTES, FUTURAS E  
DIREITOS FUNDAMENTAIS

DESAFÍOS DE LAS TECNOLOGÍAS  
INTELIGENTES, MÁS INTELIGENTES,  
FUTURAS Y DERECHOS FUNDAMENTALES

CHALLENGES OF INTELLIGENT, SMARTER,  
AND FUTURE TECHNOLOGIES AND  
FUNDAMENTAL RIGHTS



Belo Horizonte  
2026

Copyright © 2026 by Conhecimento Editora

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou via cópia xerográfica, sem autorização expressa e prévia da Editora.

Conhecimento  
www.conhecimentolivroria.com.br

**Editores:** Marcos Almeida e Waneska Diniz

**Revisão:** Responsabilidade dos autores

**Diagramação:** Lucila Pangrácio Azevedo

**Capa:** Waneska Diniz

**Imagem capa:** Criada por IA

**Conselho Editorial:**

Deilton Ribeiro Brasil

Fernando Gonzaga Jayme

Ives Gandra da Silva Martins

José Emílio Medauar Ommati

Márcio Eduardo Senra Nogueira Pedrosa Moraes

Maria de Fátima Freire de Sá

Raphael Silva Rodrigues

Régis Fernandes de Oliveira

Ricardo Henrique Carvalho Salgado (*in memoriam*)

Sérgio Henriques Zandona Freitas

**Conhecimento Livraria e Distribuidora**

Tel.: (31) 3273-2340

WhatsApp: (31) 98309-7688

Vendas: comercial@conhecimentolivroria.com.br

Editorial: conhecimentojuridica@gmail.com

www.conhecimentolivroria.com.br

341.27 D441 Desafios das tecnologias inteligentes,  
2026 mais inteligentes, futuras e direitos  
fundamentais = Desafíos de las tecnologías  
inteligentes, más inteligentes, futuras y  
derechos fundamentales = Challenges of  
inteligente, smarter, and future  
technologies and fundamental rights /  
[Organizado por] Deilton Ribeiro Brasil e  
Jorge Isaac Torres Manrique. - Belo  
Horizonte: Conhecimento Editora, 2026.  
332p. ; 24cm

ISBN: 978-65-5387-552-4  
Vários autores.

1. Direito. 2. Direitos fundamentais.  
3. Direitos humanos. 4. Educação. 5.  
Inteligência artificial- Direito. 6.  
Inteligência artificial- Poder judiciário.  
7. Tecnologias inteligentes. 8.  
Hermenêutica jurídica. 9. Fake News. 10.  
Sociedade digital- Brasil. I. Manrique,  
Jorge Isaac Torres (Pról.). II. Título.

CDDir- 341.27  
CDD (23.ed.)- 340.02

Elaboração: Fátima Falci – CRB/6-nº700

**DIRECCIÓN CIENTÍFICA**

**PRESIDENCIA**

Deilton Ribeiro Brasil  
Jorge Isaac Torres Manrique

**MIEMBROS**

Aakanksha Madaan Malviya  
Abdulwahab Abdullah Al-Maamari  
Akil Ali Saiyed  
Amer Fakhoury  
Ana Alice de Carli  
Asha Verma  
Beata Stepień-Zalucka  
Bengi Su Karakoylu  
Bhavana Sharma  
Carlos Alberto Simões de Tomaz  
Cildo Giolo Junior  
Claudio Carneiro B. P. Coelho  
Cleide Calgaro  
Daury Cesar Fabríz  
Douglas de Castro  
Egor Alexandrovich Kuznetsov  
Elena Evgenyevna Gulyaeva  
Elena Tilovska-Kecheqi  
Elizaveta Gromova  
Eloy Pereira Lemos Júnior  
Fabrício Veiga Costa  
Faiz Ayat Ansari  
Fernando Gustavo Knoerr  
Flávia Piva Almeida Leite  
Héctor Miguel Manríquez Zapata  
Henrique Augusto Figueiredo Fulgêncio  
Ilton Garcia da Costa  
Irfan Ullah Stanikzai  
Jelena Bošković

v

Jéssica Fachin  
José Antônio de Sousa Neto  
José Sebastián Cornejo Aguiar  
Júlio Homem de Siqueira  
Kashif Javed  
Kathy Hessler  
Kyvalya Garikapati  
Larisa V. Sannikova  
Magdalena Lagiewska  
Magno Federici Gomes  
Marcio Eduardo Senra Nogueira Pedrosa Morais  
Maraluce Maria Custódio  
Maria Aleksandrovna Egorova  
Maria Rafaela Junqueira Bruno Rodrigues  
Mariângela Guerreiro Milhoranza da Rocha  
Mihail Alexandru Stanescu  
Mohamed Arafa  
Mohamed Mahmoud Feyala  
Mohd Imran  
Muhammad Safdar Bhatti  
Oscar Maúrtua de Romaña  
Pablo Rafael Banchio  
Parineeta Goswami  
Pedro Luis Bracho-Fuenmayor  
Poonam Lamba Chahal  
Prabhpreet Singh  
Priscila Caneparo Dos Anjos  
Raj Kumar Yadav  
Ranjana Ferrao Souza Cordeiro  
Renata Mantovani de Lima  
Rohini Jha  
Eleftheria Papadimitriou  
Riccardo Perona  
Rizwanul Islam  
Ronaldo Brêtas de Carvalho Dias  
Rubén Miranda Gonçalves

Salvatore Vitale  
Sérgio Tibiriçá Amaral  
Shailja Vasudeva  
Shushay Teweledmedhn Gebremarian  
Sofia Filippova  
Shampa Dev  
Swati Rani  
Talissa Truccolo Reato  
Tanmay Agrawal  
Tatiana Suplicy Barbosa  
Teófilo Arêa Leão Júnior  
Vasantha Kumar  
Vashanti Reena Williams  
Viviane Coelho de Séllos-Knoerr  
Vivek Kumar Tyagi  
Yulia Kharitonova  
Yuri Nathan Da Costa Lannes  
Zeynep Banu Dalaman  
Zeynep Duygu Ulusoy  
Zulmar Fachin

## COAUTORES

Alana Gabriela Engemann  
Alcides Antúnez Sánchez  
Anjali Baskar  
Cleide Calgaro  
Cristina Godoy Bernardo de Oliveira  
Daiane Borowicc  
David Enrique Pérez González  
Deilton Ribeiro Brasil  
Dirceu Pereira Siqueira  
Edson Vieira Abdala  
Elena E. Gulyaeva  
Favio Farinella  
Francielli Parini  
Gabriela Oliveira Silva Vasconcelos  
Jhon W. L. Uchoa  
Jorge Isaac Torres Manrique  
Judite Sanson de Bem  
Leaned Matos Hidalgo  
Luiz Henrique Urquhart Cademartori  
Marcelo Larger Carneiro  
Marco Anthony Steveson Villas Boas  
Marcos Leite Garcia  
Mayume Caires Moreira  
Pablo Rafael Banchio  
Priscila Caneparo  
Raquel Saira Martínez  
Rosa Ramos  
Rubens Beçak  
Sérgio Tibiriçá Amaral  
Shreya Deb  
Silmara Veiga Montemor  
Tamara Brant Bambirra  
Tiago Augustini de Lima  
Wagner Santos da Cunha Chaussê  
Yamilé González Cabrales  
Yulia Sergeevna Kharitonova

# SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	xiii
INTRODUCCIÓN .....	1
<b>CAPÍTULO 1</b> – EDUCAÇÃO COM TECNOLOGIAS MAIS INTELIGENTES E DIREITO FUNDAMENTAL: perspectivas constitucionais <i>Marcelo Larger Carneiro</i> .....	5
<b>CAPÍTULO 2</b> – TECNOLOGÍA MÁS INTELIGENTE: há espaços para todos nesta nova configuração? <i>Judite Sanson de Bem</i> .....	15
<b>CAPÍTULO 3</b> – A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APLICADA AO DIREITO E AO PODER JUDICIÁRIO: decisões automatizadas e o problema dos algoritmos opressores e enviesados <i>Gabriela Oliveira Silva Vasconcelos</i> <i>Deilton Ribeiro Brasil</i> .....	23
<b>CAPÍTULO 4</b> – REMINISCÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE GOVERNANÇA, SUSTENTABILIDADE DIGITAL E UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS MAIS INTELIGENTES NO PODER JUDICIÁRIO <i>Marco Anthony Steveson Villas Boas</i> .....	35
<b>CAPÍTULO 5</b> – A DESUMANIZAÇÃO DA JUSTIÇA: o colapso da hermenêutica jurídica por meio de jusrobôs <i>Luiz Henrique Urquhart Cademartori</i> <i>Marcos Leite Garcia</i> <i>Edson Vieira Abdala</i> .....	47
<b>CAPÍTULO 6</b> – DIREITOS HUMANOS E CIDADES INTELIGENTES: mudança no bem- estar das pessoas idosas e o direito ao letramento digital <i>Francyelli Parini</i> <i>Sérgio Tibiriçá Amaral</i> .....	61
<b>CAPÍTULO 7</b> – FAKE NEWS E OS DIREITOS DA PERSONALIDADE: a contribuição do letramento digital no combate a disseminação de informações falsas no ciberespaço <i>Dirceu Pereira Siqueira</i> <i>Mayume Caires Moreira</i> .....	81

<b>CAPÍTULO 8</b> – LAS TECNOLOGIAS DE INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y LOS DERECHOS FUNDAMENTALES DE LAS PERSONAS MIGRANTES Y REFUGIADAS	
<i>Pablo Rafael Banchio</i> .....	95
<b>CAPÍTULO 9</b> – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA AVALIAÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS	
<i>Daiane Borowicc</i>	
<i>Jhon W. L. Uchoa</i>	
<i>Cleide Calgaro</i> .....	115
<b>CAPÍTULO 10</b> – DESAFÍOS DE LA IMPLEMENTACIÓN DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL EN SANIDAD: un análisis filosófico jurídico	
<i>David Enrique Pérez González</i> .....	129
<b>CAPÍTULO 11</b> – EL METAVERSO. DESARROLLO DE NUEVAS TECNOLOGÍAS Y GARANTIA DE DERECHOS FUNDAMENTALES	
<i>Raquel Saira Martínez</i> .....	155
<b>CAPÍTULO 12</b> – A SOCIEDADE DIGITAL BRASILEIRA: a liberdade e a privacidade em questão	
<i>Priscila Caneparo</i>	
<i>Wagner Santos da Cunha Chaussê</i> .....	163
<b>CAPÍTULO 13</b> – O DEVER FUNDAMENTAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL: o direito fundamental ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e o uso da inteligência artificial na concessão do licenciamento ambiental nos termos da Lei n.º 15.190, de 8 de agosto de 2025	
<i>Tamara Brant Bambirra</i>	
<i>Deilton Ribeiro Brasil</i> .....	177
<b>CAPÍTULO 14</b> – FAKE NEWS, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A DISSONÂNCIA COGNITIVA: novos desafios	
<i>Cristina Godoy Bernardo de Oliveira</i>	
<i>Rubens Beçak</i>	
<i>Tiago Augustini de Lima</i> .....	195
<b>CAPÍTULO 15</b> – EL DERECHO DIGITAL. ANÁLISIS DE LA ENSEÑANZA DISRUPTIVA EN LA CARRERA DE DERECHO	
<i>Alcides Antúnez Sánchez</i>	
<i>Leaned Matos Hidalgo</i>	
<i>Yamilé González Cabrales</i> .....	217

<b>CAPÍTULO 16</b> – HABILIDADES DIGITALES DEL JURISTA EN ETAPA MODERNA: LA EXPERIENCIA DE RUSIA	
<i>Yulia Sergeevna Kharitonova</i> .....	237
<b>CAPÍTULO 17</b> – ACESSO À JUSTIÇA E RESOLUÇÃO ONLINE DE CONFLITOS: as ODR's (online dispute resolution) como um método alternativo de prestação jurisdicional	
<i>Alana Gabriela Engelmann</i> .....	247
<b>CAPÍTULO 18</b> – NEED FOR PUBLIC POLICIES TO PROMOTE THE USE AND IMPLEMENTATION OF INFORMATION TECHNOLOGY IN ITS VARIOUS EVOLUTIONARY STAGES	
<i>Jorge Isaac Torres Manrique</i> .....	269
<b>CAPÍTULO 19</b> – HUMAN NEURO-RIGHTS	
<i>Favio Farinella</i>	
<i>Elena Gulyaeva</i> .....	279
<b>CAPÍTULO 20</b> – FUNDAMENTAL RIGHTS IN THE ARTIFICIAL INTELLIGENCE ERA	
<i>Shreya Deb</i>	
<i>Anjali Baskar</i> .....	299
<b>CAPÍTULO 21</b> – THE DEMOCRATIZATION OF ACCESS TO KNOWLEDGE THROUGH DIGITAL PLATFORMS: the role of the OAB/SP environment commission	
<i>Silmara Veiga Montemor</i>	
<i>Rosa Ramos</i> .....	307



# PRÓLOGO

El siglo XXI ha presenciado un avance exponencial en el campo de la tecnología, particularmente en el desarrollo de las tecnologías inteligentes. Desde los asistentes virtuales hasta los vehículos autónomos, la inteligencia artificial (IA) está transformando rápidamente la forma en que vivimos, trabajamos e interactuamos con el mundo. Esta revolución tecnológica, sin embargo, presenta desafíos significativos, especialmente en relación con la protección de los derechos fundamentales de las personas.

La IA, en sus diferentes formas – desde el aprendizaje automático hasta la visión artificial – ofrece un potencial inmenso para mejorar la calidad de vida. En el ámbito de la salud, la IA puede ayudar en el diagnóstico precoz de enfermedades, el desarrollo de nuevos tratamientos y la personalización de la atención médica. En la educación, puede proporcionar experiencias de aprendizaje personalizadas y adaptadas a las necesidades individuales de cada estudiante. En la economía, la automatización impulsada por la IA puede aumentar la productividad y la eficiencia, creando nuevas oportunidades de empleo y mejorando la calidad de los productos y servicios.

Sin embargo, la rápida proliferación de estas tecnologías también plantea preocupaciones éticas y sociales importantes. El sesgo algorítmico, por ejemplo, puede perpetuar y amplificar las desigualdades existentes, discriminando a ciertos grupos de personas en el acceso a servicios, oportunidades y recursos. La privacidad de los datos es otra preocupación clave, ya que la IA depende en gran medida de la recopilación y el análisis de grandes cantidades de datos personales. La falta de transparencia en los algoritmos de IA puede dificultar la comprensión de cómo se toman las decisiones, lo que puede llevar a la falta de responsabilidad y a la injusticia.

Más allá de la IA actual, se vislumbra un futuro con tecnologías aún más inteligentes, capaces de un razonamiento y una toma de decisiones más sofisticados. El desarrollo de la computación cuántica, por ejemplo, podría revolucionar la capacidad de procesamiento de datos, permitiendo avances significativos en campos como la medicina, la energía y la ciencia de materiales. La biotecnología y la nanotecnología también prometen avances significativos, con implicaciones profundas para la salud humana y el medio ambiente.

Estas tecnologías más inteligentes, sin embargo, plantean desafíos aún mayores en términos de ética y derechos fundamentales. La posibilidad de crear máquinas con una inteligencia superior a la humana, la llamada “superinteligencia”, plantea interrogantes sobre el control humano sobre estas

tecnologías y la posibilidad de que estas superen nuestras capacidades de control. Además, el uso de la IA en sistemas de vigilancia masiva, la manipulación de la información y la automatización de armas plantea graves riesgos para la libertad, la privacidad y la seguridad de las personas.

Es crucial, por lo tanto, desarrollar un marco ético y legal sólido para regular el desarrollo y el uso de estas tecnologías. Este marco debe garantizar que la IA se utilice de manera responsable y ética, protegiendo los derechos fundamentales de las personas y promoviendo el bienestar social. La transparencia, la rendición de cuentas y la participación pública son elementos esenciales de este marco. La educación y la sensibilización pública son también cruciales para fomentar una comprensión adecuada de los riesgos y las oportunidades que presentan estas tecnologías.

La protección de los derechos fundamentales – como el derecho a la privacidad, la libertad de expresión, la no discriminación y el debido proceso – es esencial en la era de las tecnologías inteligentes. Estos derechos no deben ser sacrificados en aras del progreso tecnológico. Es necesario que los gobiernos, las empresas y la sociedad civil trabajen juntos para desarrollar políticas y regulaciones que garanticen que la IA se utilice de manera compatible con los derechos humanos.

Esto implica, entre otras cosas, la implementación de medidas para mitigar el sesgo algorítmico, la protección de la privacidad de los datos, la transparencia en los algoritmos de IA y la rendición de cuentas por las decisiones tomadas por sistemas de IA. También es necesario promover la investigación y el desarrollo de tecnologías de IA que sean éticas y responsables, y fomentar la participación pública en la toma de decisiones sobre el desarrollo y el uso de estas tecnologías.

Luego de haber realizado la obligada sustentación de la importancia que comporta la muy importante temática que la contiene, resulta imprescindible abordar el desarrollo de los desafíos que les corresponde afrontar.

En conclusión, las tecnologías inteligentes, más inteligentes y futuras presentan oportunidades y desafíos sin precedentes. Para aprovechar al máximo su potencial y mitigar sus riesgos, es esencial un enfoque holístico que priorice la protección de los derechos fundamentales de las personas. La colaboración entre gobiernos, empresas, investigadores y la sociedad civil es crucial para construir un futuro en el que la IA sirva a la humanidad de manera justa, equitativa y sostenible. El desarrollo responsable de la IA no es una opción, sino una necesidad imperativa para garantizar un futuro mejor para todos.

En ese sentido, la presente obra abraza en su desarrollo de manera insular como señora dichas temáticas, a efectos de proporcionar profundas reflexiones y aportes de importantes profesionales especialistas.

Así, es de verse que la sumamente interesante y trascendente propuesta que la contiene, la convierte en una fuente de obligatoria consulta y referencia de los lectores del orbe.

**JORGE ISAAC TORRES MANRIQUE**

Presidente de la Escuela Interdisciplinar de DD. FF.  
Praeeminentia Iustitia. Abogado por la UCSM. Doctorados  
en Derecho y Administración por la UNFV. Autor y director de más de  
175 libros y tratados en diversas ramas jurídicas, con enfoques de DD. FF.  
e interdisciplinariedad, publicados en 19 países. Codirector de los Códigos  
Penales Comentados de Ecuador y Colombia.



# INTRODUCCIÓN

La rápida evolución de las tecnologías inteligentes, impulsada principalmente por la inteligencia artificial (IA), presenta una serie de desafíos significativos que requieren una atención urgente. Si bien la IA promete revolucionar diversos sectores, desde la medicina hasta la manufactura, su implementación plantea interrogantes éticos y sociales cruciales, particularmente en relación con los derechos fundamentales.

Uno de los desafíos más apremiantes es el sesgo algorítmico. Los sistemas de IA se entrenan con datos, y si estos datos reflejan sesgos existentes en la sociedad (por ejemplo, relacionados con género, raza o clase socioeconómica), la IA amplificará y perpetuará dichas desigualdades. Esto puede resultar en discriminación en áreas como la contratación, la concesión de préstamos o incluso el sistema de justicia penal, donde los algoritmos podrían tomar decisiones injustas o discriminatorias. La falta de transparencia en el funcionamiento de muchos algoritmos dificulta la identificación y corrección de estos sesgos, creando una “caja negra” que opera fuera del escrutinio público.

Otro desafío importante es la violación de la privacidad. La IA depende en gran medida de la recopilación y el análisis de grandes cantidades de datos personales, lo que genera preocupaciones sobre la vigilancia masiva, la manipulación de la información y el uso indebido de datos sensibles. El rastreo constante a través de dispositivos inteligentes, el análisis de patrones de comportamiento y la creación de perfiles detallados de individuos plantean serios riesgos para la autonomía personal y la libertad individual. La falta de regulaciones adecuadas y la dificultad para controlar el flujo de datos en un mundo cada vez más interconectado exacerban este problema.

Finalmente, la automatización impulsada por la IA podría provocar un desplazamiento significativo de la fuerza laboral, generando desempleo y exacerbando las desigualdades económicas. Si bien la IA puede crear nuevos empleos, la transición no será sencilla y requerirá estrategias de adaptación y capacitación para asegurar que los trabajadores puedan adaptarse a las nuevas demandas del mercado laboral. La falta de preparación para este cambio podría generar inestabilidad social.

Más allá de los desafíos actuales, el futuro desarrollo de tecnologías más inteligentes plantea preocupaciones aún más profundas. La posibilidad de una superinteligencia, una IA que supere la inteligencia humana, plantea interrogantes

sobre el control humano sobre estas tecnologías y la posibilidad de que estas escapen a nuestro control, con consecuencias impredecibles. La falta de un marco ético y regulatorio adecuado para el desarrollo y la implementación de la superinteligencia podría tener consecuencias catastróficas.

El desarrollo de armas autónomas, también conocidas como armas letales autónomas (LAWs), es otro desafío crucial. Estas armas, capaces de seleccionar y atacar objetivos sin intervención humana, plantean serios riesgos para la seguridad internacional y la responsabilidad ética. La posibilidad de una escalada de conflictos armados, la pérdida de control humano sobre el uso de la fuerza y la dificultad para atribuir responsabilidad en caso de daños colaterales son preocupaciones importantes.

La proliferación de desinformación y noticias falsas amplificada por algoritmos de IA es otro desafío significativo. La capacidad de la IA para generar contenido convincente y realista, incluyendo texto, imágenes y videos falsos, facilita la difusión de información errónea a gran escala, con consecuencias potencialmente devastadoras para la democracia, la salud pública y la estabilidad social. La dificultad para distinguir entre información verdadera y falsa, combinada con la velocidad de propagación de la desinformación en las redes sociales, crea un entorno informativo altamente volátil y peligroso.

Para enfrentar estos desafíos, es crucial desarrollar un marco ético y legal sólido que garantice la protección de los derechos fundamentales en la era de las tecnologías inteligentes. Este marco debe abordar cuestiones como la transparencia algorítmica, la protección de datos, la responsabilidad por el daño causado por sistemas de IA, y la mitigación del sesgo algorítmico. Es necesario promover la investigación y el desarrollo de tecnologías de IA éticas y responsables, que prioricen el bienestar humano y la justicia social.

La transparencia en el diseño y el funcionamiento de los sistemas de IA es fundamental para permitir el escrutinio público y la rendición de cuentas. La implementación de mecanismos de auditoría y verificación independientes es esencial para garantizar que los sistemas de IA se utilicen de manera responsable y ética. La protección de datos requiere regulaciones robustas que limiten la recopilación y el uso de datos personales, garantizando el consentimiento informado y el derecho a ser olvidado.

La educación y la sensibilización pública son cruciales para fomentar una comprensión adecuada de los riesgos y las oportunidades que presentan las tecnologías inteligentes. Es necesario que la sociedad en su conjunto participe en el debate sobre el futuro de la IA, contribuyendo a la creación de un marco ético y legal que proteja los derechos fundamentales y promueva un futuro justo y equitativo para todos. La falta de acción podría llevar a un futuro

donde la tecnología, en lugar de servir a la humanidad, la ponga en riesgo. La responsabilidad recae en gobiernos, empresas, investigadores y ciudadanos para asegurar un desarrollo responsable de la IA, que priorice el bienestar humano y la protección de los derechos fundamentales.

En la presente entrega y en ese orden de ideas, no podemos ser ajenos a la trepitante realidad que acontece en sede global, lo que obliga la muy urgente como insoslayable atención a los desafíos de las tecnologías inteligentes, más inteligentes, futuras y derechos fundamentales.

Por ello, ponemos a la consideración de la comunidad jurídica (y no jurídica) global, la presente importante obra: “Desafíos de las tecnologías inteligentes, más inteligentes, futuras y derechos fundamentales”; que reúne a destacados profesores referentes de Brasil, Argentina, Cuba, Rusia, Perú, India; que abordan de manera rigurosa, profunda, reflexiva, interdisciplinar.

Agradecemos de sobremanera y quedamos muy honrados, por la muy valiosa participación del reconocido jurista y amigo, Dr. Jorge Isaac Torres Manrique, por haber elaborado el prólogo, de manera tan magnífica.

Nuestro indeleble agradecimiento a la prestigiosa firma Ediciones Olejnik, por la confianza, pues, sin la misma la presente obra no hubiera podido ver la luz

Finalmente, esperamos que esta entrega tenga la importante acogida, que tuvieron nuestros anteriores proyectos.

**LA DIRECCIÓN CIENTÍFICA**

## HUMAN NEURO-RIGHTS

*Favio Farinella*<sup>1</sup>

*Elena Gulyaeva*<sup>2</sup>

### I. INTRODUCTION

Entering the third decade of this XXI century, Science has opened up the possibility of creating hybrid humans with artificially enhanced cognitive abilities. Imagine that companies interested in obtaining our personal information, not only access our daily activities, but our thoughts. This situation could well be considered the plot of a series of streaming services. Without proper security measures, there is the risk that technology could be used to change people's minds using algorithms, to dictate their memories, interests, even consumption patterns. Some years ago, when the sci-fi thriller *Inception* topped the box office worldwide, audiences were thrilled by its futuristic story of a criminal gang invading people's dreams to steal valuable data or hang on to people's decisions. More than ten years later, neurotechnology may allow anyone to come to that end.

The neurobiologist Rafael Yuste sees neurotechnology as a “tsunami” that humanity will have to face, so people and governments need to be prepared. Yuste, Sarah Gehring, along with a group of scientists called to develop an ethical framework that would govern the use and development of advanced neurotechnology. This was the beginning of what we now call “neuro-rights”. Professor Yuste explains:

---

<sup>1</sup> Professor and Researcher of Human Rights and International Law at the Universidad Nacional de Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina. He holds a PhD in Law, postdoc in artificial Intelligence and postdoc in Social Sciences and Humanities in a Post-Crisis Period, Master in New Technologies and the Law and Master in Environmental Urban Management. Author and co-author of several books and more than 150 scientific articles on human rights. He currently runs the Centre for International Law at the Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina.

<sup>2</sup> PhD in International and European Law, Associate Professor of International Law. Department, Diplomatic Academy of Russian Foreign Ministry; Member of Russian Association of International Law, Member of European Association of International Law, Editor of the Journal of «Revista Confrontés», *Revista Opiniao Jurídica* (Brazil). Author and co-author of 8 monographies and 50 scientific articles about human rights, bioethics, technologies, cybersecurity, Latin American Law, comparative law, European Law, principles of international public law. Alumni of The Hague academy of International Law (2012, 2013, 2014), Leiden Law School (Netherlands), L'Université Catholique de Louvain-la-Neuve (Belgium), UNAM (Mexico).

“the brain works electrically: we have 86,000 million neurons inside the skull. The number and connections is astronomical, in each brain there are more connections and nodes than in the entire Internet on earth. All that complexity of neurons is fired electronically and through processes that we do not understand. From there arises the vision, the sensations, the behaviour, the ideas, the memory, the emotions, the conscience, the mind, everything that we are”<sup>3</sup>

Could any of these human entities be appropriated and used by third parties, even robots? While the Law must establish a position on bioethical issues, different experts<sup>4</sup> have begun to debate since 2017, about the need to affirm new human rights affected by neurotechnology. Among these, they include (i) cognitive freedom; (ii) mental privacy; (iii) mental integrity; and (iv) psychological continuity.<sup>5</sup> We call them *new rights* because the way traditional rights are challenged and menaced by unforeseen situations that emerge out of neurotechnology, change their very nature. One of the ways to cope with this legal disruption produced by AI could be the creation of human neuro-rights.

Neuro-rights derive from neurotechnology, which encompasses any method or device in which electronics interface with our nervous system to monitor or modulate neural activity. Neurotechnology enables users to manipulate distant objects<sup>6</sup>, prevent, mitigate, or prepare for disruptive neurological events<sup>7</sup>, and monitor, influence or regulate mood, emotion, and memory<sup>8</sup>. This way, it has a fundamental impact on the way people understand the brain and various aspects of consciousness, memory and higher mental functions. Consequently, a new born legal field, *Neuro-law* regulates social relations arising from the use of technologies that affect aspects of consciousness, memories and the activity of mental functions.

Neuroscience and law have been interacting for a long time, but since 1990 neuroscientists and neurologists often debated the possibility of neurology

<sup>3</sup> Professor Yuste is a Spanish neurobiologist, one of the minds behind the BRAIN project and currently Co-Director of the Institute of Neurologic Research of the Columbia University, EEUU.

<sup>4</sup> Among them we find the group made up of Rafael Yuste and other neuroscientists from the Center for Neurotechnology of Columbia University, New York, USA, as well as researchers and experts such as Marcello Lenca and Roberto Andorno.

<sup>5</sup> The group led by Yuste talks about (i) mental privacy; (ii) personal identity; (iii) free will; (iv) equitable access; and (v) non-discrimination

<sup>6</sup> Muelling K, Venkatraman A, Valois J-S, Downey JE, Weiss J, Javdani S, Hebert M, Schwartz AB, Collinger JL, Andrew Bagnell J. (2017). Autonomy infused teleoperation with application to brain computer interface controlled manipulation. *Autonomous Robots*;41(6):1401–1422. doi: 10.1007/s10514-017-9622-4.

<sup>7</sup> Cook MJ, O’Brien TJ, Berkovic SF, Murphy M, Morokoff A, Fabinyi G, D’Souza W, Yerra R, Archer J, Litewka L, Hosking S, Lightfoot P, Ruedebusch V, Sheffield WD, Snyder D, Leyde K, Himes D. (2013) Prediction of seizure likelihood with a long-term, implanted seizure advisory system in patients with drug-resistant epilepsy: A first-in-man study. *The Lancet Neurology*;12(6):563–571. doi: 10.1016/S1474-4422(13)70075-9.

<sup>8</sup> Steinert S, Friedrich O. Wired emotions: Ethical issues of affective brain–computer interfaces. *Science and Engineering Ethics*. 2020;26(1):351–367. doi: 10.1007/s11948-019-00087-2.

popularization. Neurolaw is a relatively new and quite specific field, because the first human brain studies were submitted by medical and legal communities only few years ago. The term “neurology” was first introduced among legal scholars by Taylor<sup>9</sup>, whose work is of great importance in academic circles and neurolaw research, mainly in legal practice. In addition, in several academic conferences speakers often address this topic in the United States, The United Kingdom, France and Canada.

Neurolaw is commonly referred to as a set of legal issues arising from current developments in neurobiological research and treatment not yet established as an independent discipline. On the contrary, the debate on the legal implications of neurobiological development is still at an early stage, and thus, demonstrates a wide range of topics that still need to be structured to stimulate the emergence of new points of view. Consequently, the versions of different countries in the field of neurolaw show a wide variety of viewpoints in the description of individual national legal systems. Nevertheless, there is a tendency in some countries to consider certain common topics as relevant, although they are discussed with different intensity. Legal science is also concerned that modern digital technology has the potential to completely restrict human freedom. For instance, access to credit cards is already being opened in a number of States in exchange for political loyalty. Security cameras are installed in all governmental and private institutions to monitor the population and political opposition among them. E-mails, WhatsApp chats, Instagram photos and the like are available to a greater or lesser extent to different stakeholders. Many gadgets can be used to stalk a person and collect and store information, sometimes far away from the host country. Thus, along with comfortable and enjoyable communication, internet networks and technology created a system capable of monitoring the individual and managing the masses.

## II. THE BRAIN INITIATIVE 2013-2028

US President Barack Obama launched in April 2013 a project called Brain Research through Advancing Innovative Neurotechnologies (BRAIN)<sup>10</sup>, aimed at promoting and financing neurotechnologies capable of mapping the human brain. The Initiative foresees a duration of -at least- 15 years (until 2028), a budget that at the end of 2019 exceeded 6,000 million dollars and having laboratories located in different States of the world. It represents a study based on neuroscience, aimed at knowing the nervous system and the interaction produced between the different parts of the brain that gives rise to the biological foundations of cognition. Its stated

<sup>9</sup> Taylor J.S, Harp J.A., Elliott T. (1991). Neuropsychologists and neurolawyers. *Neuropsychology*. 1991; 5 (4): 293–305.

<sup>10</sup> BRAIN is the acronym for Brain Research through Advancing Innovative Neurotechnologies.

purpose is to map the entire neuronal activity of the human brain to understand how it works. If achieved, the final consequences are difficult to imagine: from the possibility of treating Parkinson's and Alzheimer's to the creation of prostheses that allow linking the brain to the Internet, learning about past events, predicting behaviours, and eventually modifying future patterns. Potential changes will no longer affect a certain lifestyle, but the very nature of what is now understood to be a human being. The BRAIN initiative is structured in a way similar to the human genome project, a global scientific initiative launched in the mid-1980s with the objective of identifying each of the around 25,000 genes that make up human DNA, a stage completed in 2001.

The general objectives of the BRAIN initiative are divided into three main fields: (i) mapping neuronal activity, (ii) assisting in the cure of neurological conditions, and (iii) contributing to the creation of new theoretical and computer models.

The first objective refers to the possibility of recording the activity of the approximately 86,000 million neurons that exist in the brain. The neuron is the main cell of the nervous system, and is in charge of receiving, processing and transmitting information through chemical and electrical signals. At present, it has only been possible to record the activity of very small groups of neurons at the same time and in small animals. The second objective has a more direct application, since once it is possible to understand the functioning of the brain, certain mental disorders such as depression and neurological diseases can be understood, which would lead to improve the treatment of medical conditions such as Alzheimer's or Parkinson's. The third objective consists of the possibility of improving or even surpassing artificial intelligence<sup>11</sup>, since knowing the functioning of the brain would help to understand the way in which it performs calculations. It is presumed that for this reason, the brain uses more sophisticated algorithms than those currently used by artificial intelligence, but with extremely less energy expenditure. This circumstance would lead to consider artificial intelligence as an out-dated model.

Other developed States have joined the initiative with their own versions of the project: Japan, China, South Korea, Australia, Canada, Israel and the EU. At the University of Bern, the Human Brain Project team is working on a new type of thinking machine, the so-called "neuromorphic computer". Their silicon chips are lightning fast and mimic the structure of the brain. The Blue Brain Project is a project to computer simulate the human brain that began in July 2005. IBM and the Swiss Federal Institute of Technology in Lausanne (École Polytechnique

<sup>11</sup> Artificial Intelligence consists of the development of computational algorithms that are based on what we think happens inside the brain. They are artificial neural networks that learn and solve problems that can be computable. They are based on a primitive understanding of how the brain works.

Fédérale de Lausanne - EPFL) are working on the project. On June 29, 2020, the Human Brain Project (HBP) announced the start of its final phase. The European Commission signed a grant agreement to fund the HBP for 150 million euros until 2023.

### III. LEGAL IMPLICATIONS AND THE BIRTH OF NEURO-RIGHTS

The development of technologies that allow us to understand the functioning of the brain, opens the way to intervene directly on it and consequently, manipulate the brain activity in various ways. As technology claims to be neutral, its use may produce both positive and negative consequences. The medical and technological possibilities that can be unleashed by successfully deciphering the neural code, generate relevant challenges. Based on this threat, a group of neuroscientists led by the aforementioned Yuste, published in the journal *Nature*, a series of ethical rules whose purpose is to regulate the application of these technologies.<sup>12</sup> They called them “neuro-rights” and their objective is to provoke a discussion relevant enough that at some point, the law would rule on what is due and what is prohibited as regards neurotechnology. The group of experts proposes to add certain neuro-rights to the Universal Declaration of human rights, or better yet, to elaborate an international treaty that specifies the prohibited actions related to neurotechnology, which together with a monitoring committee, could lead any use that arises from them. Actually and beyond any methodology applied, their intention is to establish universally agreed and accepted rules, which at the same time are effective. In this ever changing neurotechnological scenario, an article, published in *Life Sciences, Society and Policy*, advocates the reconceptualization and even the creation of new human rights, namely the rights to cognitive freedom, mental privacy, mental integrity and psychological continuity”.<sup>13</sup> We discuss them next.

#### *III.a. The right to cognitive freedom*

The term Cognitive Freedom means the freedom to have complete sovereignty over one’s own consciousness, a concept that extends the concepts of freedom of thought and freedom of action over one’s body. Cognitive freedom is the freedom of the mind. John Stuart Mill wrote in 1869 that “freedom is not applicable as a principle under the order of things, when men are not yet capable

<sup>12</sup> See the original article Four ethical priorities for neurotechnologies and AI, *Nature Magazine*, 11/08/2017. Available on the internet <https://www.nature.com/news/four-ethical-priorities-for-neurotechnologies-and-ai-1.22960>. All of the scientists who endorsed the initiative are mentioned there.

<sup>13</sup> Lenca, Marcello and Andorno, Roberto. (2017). Towards new human rights in the age of neuroscience and neurotechnology. *Life Sciences, Society and Policy* 13, p. 5. Published online (26/04/2017), available at <https://doi.org/10.1186/s40504-017-0050-1>.

of self-development by freedom”. The nongovernmental organization Center for Cognitive Freedom and Ethics defines cognitive freedom as:

*“the right of each individual to think independently and autonomously, to use the full spectrum of his or her mind, and to engage in multiple modes of thought”.*<sup>14</sup>

Possessing cognitive freedom means being unrestricted in the ways of achieving altered states of consciousness, whether that means practicing meditation, yoga, using psychoactive substances, etc. Also, a cognitively free person should not be forced in any way to change his or her consciousness against his or her will:

*“We’re playing with half a deck as long as we tolerate that the cardinals of government and science should dictate where human curiosity can legitimately send its attention and where it cannot. It’s an essentially preposterous situation. It is essentially a civil rights issue, because what we’re talking about here is the repression of a religious sensibility. In fact, not a religious sensibility, the religious sensibility”.*<sup>15</sup>

Timothy Leary summarized this concept by postulating two new commandments of what he calls the molecular age: (i) You must not alter your neighbor’s consciousness; (ii) You must not prevent yourself from changing the consciousness of your neighbor.<sup>16</sup>

Cognitive freedom may constitute a new item on the list of human rights<sup>17</sup>. The rapid development of advanced technology raises concerns not only among ordinary people, who find themselves unprepared for progress. Unfounded anxieties arise among advanced researchers as well. A group of Swiss scientists, headed by a lawyer from the University of Zurich and a specialist in neuroethics from the University of Basel, propose to introduce into international humanitarian law a concept called as “cognitive freedom” or “freedom of mind”. And there are good reasons for this. Achievements in the field of neurotechnology, which are associated with the analysis of brain processes and influencing them, are undoubtedly important for modern medicine. At the same time, they leave a person and his mind defenseless against the threat of using cognitive resources for criminal purposes. This is what Swiss scientists talk about in a new study:

<sup>14</sup> Center for Cognitive Liberty and Ethics (September 15, 2003). Archived from the source on March 12, 2012. Verified on October 20, 2007.

<sup>15</sup> Terence McKenna (1988). *Non-Ordinary States Through Vision Plants*. - Mill Valley CA: Sound Photosynthesis. - ISBN 1-569-64709-7.

<sup>16</sup> Leary, Timothy (2012). *Two Commandments for the Molecular Age*. Archived from the source on March 12.

<sup>17</sup> Soin, Sergei (2017). «Kognitivnaya svoboda» — novyi punkt v spiske prav cheloveka (in English “Cognitive freedom” is a new item on the list of human rights). Available on the internet <https://sciencepop.ru/kognitivnaya-svoboda-novyyj-punkt-v-spiske-prav-cheloveka/>

*“Our thoughts are the last refuge of personal freedom, but advances in neural engineering and brain imaging techniques are compromising the freedom of the mind. We propose to legislate a human right against the coercive or invasive use of such technologies, as well as to protect the physical and mental aspects of the mind from possible harm”<sup>18</sup>.*

According to the authors of the initiative, the use of methods of electrical stimulation of the brain, or such cases of implanting electrodes in the brain, raise concerns about the impact of these actions on the patient’s personality. In defense of their position, the Swiss lawyers and physicians present substantial examples. They recall that US military scientists have reported a procedure called “transcranial direct current stimulation” (tDCS), which enhances the mental capacity of personnel. Devices with this function are already available on the open market. In 2011, scientists at the University of California, Berkeley, used brain scans to recover frames from movies that people had previously watched. To these, we can add the practice of brain electro-stimulation performed on people with Parkinson’s disease. It is not uncommon for people to lose some aspects of their self-awareness after such an intervention. Defenders of the right to cognitive freedom add that this process should not be delayed. *“It’s always too early to evaluate technology until it’s too late”* adds one of the study’s authors, lawyer Roberto Andorno.<sup>19</sup>

Professor Akulin states that *“With regard to various advanced technologies in medicine, there is a universal problem”<sup>20</sup>*. First of all, he refers to the observance of medical secrecy and the right to protect personal health information. This rule may be extended to protect the mind from physical, informational, and manipulative attacks. If so, both direct and indirect attacks on a person’s brain for purposes other than treatment indications would need to be considered. As part of the annual conference Medicine and Law in the 21st Century, which took place at the Faculty of Law of St. Petersburg State University in November 2021, the idea of introducing the concept of cognitive freedom was considered as one of the topics of discussion.

Also called the right to mental self-determination, cognitive freedom is the freedom of the individual to control his or her own mental processes, cognition and consciousness. This idea extends to concepts such as freedom of thought and conscience and freedom to act upon one’s body. It also includes the possibility to use emerging neurotechnologies, and on the other hand, to avoid their coercive use or use without prior informed consent.

<sup>18</sup> Lenca M, and Andorno R (2017). Towards new human rights in the age of neuroscience and neurotechnology. *Life Sciences, Society and Policy*, 13 (1). <https://doi.org/10.1186/s40504-017-0050-1>

<sup>19</sup> Andorno, R. (2018). Glasgow Molecular Pathology Node. University of Glasgow website. Available [https://www.gla.ac.uk/colleges/mvls/node/newsandevents/newsarchive/newsletterapril2018/headline\\_578957\\_en.html](https://www.gla.ac.uk/colleges/mvls/node/newsandevents/newsarchive/newsletterapril2018/headline_578957_en.html)

<sup>20</sup> Akulin, Igor Mikhailovich. (2004). Doctor of Medicine, Professor, Head of the Department of Medical Organization at St. Petersburg State University, President of the Association of Lawyers in Medicine.

Neurotechnology is being developed to improve cognitive abilities. We may think of it as a kind of “cognitive doping”. We need to draw a line when these enhancing neurotechnologies can be used properly, and how. It is also important to prevent possible inequalities between those who wants and can afford to enhance their cognition capabilities compared to those who do not. In doing so, information derived from brain functioning should not be used to harm or discriminate against an individual, family, or group in both clinical and nonclinical areas, including employment, insurance, access to social integration and opportunities for increased general well-being<sup>21</sup>.

The right and freedom to control one’s own consciousness and electrochemical processes of thought are the necessary basis for almost every other freedom. This way, cognitive freedom reveals itself as a pre-requisite to the exercise of other freedoms: it constitutes the neurocognitive substrate. From this perspective, cognitive freedom becomes a conceptual update of freedom of thought. It is a previous phase of the latter. The possibility of manipulating the brain and neural activity would threaten this freedom, as it is possible to monitor, manipulate and alter cognitive functions.

Authenticity and enhancement of human capabilities relates to cognitive freedom to the extent that neural manipulation enters the individual’s sphere of free thought and leads him to perform actions that he later does not recognize as his own.

The possibility that any person can quickly distinguish themselves from the rest, to obtain ephemeral fame and eventually, economic returns, can serve as an incentive for an individual to decide to adopt improved neurotechnologies, such as those that allow to radically expand physical resistance or sensory or mental capacities. The concept of human authenticity becomes vital here. There is widespread concern that the use of neurological enhancements to intensify cognitive functions or alter emotions with the help of pharmaceutical or other biotechnological mean, undermines the authenticity of an individual.<sup>22</sup> This occurs when the subject’s personality is altered to such an extent that others can affirm that “she/he is no longer the same.” As Bublitz and Merkel assert<sup>23</sup>, the main tension between the different theories of authenticity is between essentialist views for whom authenticity is threatened by everything that causes people to depart from who they really are and existentialists, for whom the individual is created according to his own ideals, whereby an authentic personality consists of self-defined and self-established characteristics.

<sup>21</sup> European Commission. Independent Expert Group. 25 recommendations on the ethics, legal and social implications of genetic testing. Luxembourg: European Community Official Publications Unit. 26.

<sup>22</sup> Bublitz, J. C., and Merkel, R. (2009). Autonomy and authenticity of enhanced personality traits. *Bioethics*, 23(6), p. 360.

<sup>23</sup> idem ant.

In this context, personal autonomy can be understood as an agent's state of being capable to respond to reactive attitudes such as praise and punishment. From this point of view, autonomy is a condition of moral responsibility. Personal autonomy requires certain minimum capacities such as (i) discernment regarding the act to be performed; (ii) the ability to act specifically, and (iii) the power to distinguish the consequences. Certain neurotechnologies can drastically transform the personality in such a way that it can be affirmed that the act in question does not belong to the individual because it is inauthentic.

According to the report of the aforementioned group of neuroscientists, the increase in human capacities, in addition to undermining the authenticity of the person, will produce effects on social norms, by posing problems of equitable access to technologies and generating new forms of discrimination. At present, different armies of the world are already discussing the possibility of providing their forces with improved mental abilities (the super intelligent agents), in order to better anticipate the combat configuration and more skilfully decipher the data streams. In civil life, the possibility of connecting a brain to the internet through an interface would raise the possibility of generating super-humans. This circumstance, if it is not based on medical advice to cure pathologies, could lead to the existence of a new social category, which would be distinguished from the rest by its enhanced human qualities. This artificially enhanced biology is ethically reprehensible, even recalls a feature of Nazi infamous medical experimentation, and demands the Law to regulate the issue.

No State which claims to be respectful of human rights can exercise the power to coercively manipulate the mental states of its population. Cognitive freedom is a multidimensional concept, difficult to define due to its complexity. Bublitz recognizes at least three "interrelated but not identical dimensions" of cognitive freedom. They are: (i) the freedom to change your mind or choose to do so, along with the means by which such change is made; (ii) protection against interventions in other minds to defend mental integrity, and (iii) the ethical and legal obligation to promote cognitive freedom. These three dimensions configure cognitive freedom as a complex right that involves some assumptions made up of negative and positive freedoms. Among the former, we find the freedom to decide on one's own cognitive domain in the absence of obstacles, barriers or prohibitions, whether governmental or not. Secondly, we have the freedom to exercise the right to mental integrity in the absence of restrictions or violations by third parties, such as corporations, criminal agents or even the government. Among the positive freedoms, Bublitz mentions the power to act in total control of mental privacy.

### *III.b. The right to mental privacy*

Considering the current state of technology, it is possible to obtain an extraordinary level of personal information from the data trails that we leave on

a daily basis, from geographical locations to consumption of goods and services patterns. A 2017 study suggests that certain mobility patterns, such as those obtained from people who carry smartphones during their daily activities, can be used to diagnose the first signs of cognitive decline resulting from Alzheimer's disease.<sup>24</sup>

The algorithms used to target advertising, calculate insurance premiums or match couples or potential partners on internet sites, would be considerably more accurate if they were based on our neural information. Neural data refers to the activity patterns of our neurons associated with certain states of attention. Neural devices that connect individuals' brains to the Internet, open the possibility of tracking or manipulating the mental experience of an individual. This is the reason why our neural data shall be protected by the law. Consequently, it is proposed that in relation to neural data, each owner expressly states their willingness to share them, regardless of the device from which they do so. This opt-in procedure must be safe and secure, including information regarding who will use the data, for what purposes and for how long, similar to what is required at present in relation to personal information. Among the issues in need of legislative pronouncement, we find the limitation of the possibility of giving up one's neural data or accepting the incorporation of certain data into the brain in exchange for financial rewards.

Neuroscience has shed light on the study of the brain and on certain mental processes that follows the understanding of the structure and function of the brain. It gives us an idea of the mental processes underlying human behaviour, whereas the Law is primarily concerned with regulating the externalizations of those conducts. Neuroscientists have been attempting to depict the results of neuroscience through legal norms, in order to review legal standards, norms and rules, for further precise formulation. More accurate, the neurobiological approach to legal norms and consequences provides and enhances new legal effects by modifying the rules that govern the interaction between classic norms and neuroscience. However, we have to bear in mind that according the state of the art, there are huge differences in the brains of individuals, and there is no direct comparison of mental functions and some kind of standard law enforcement. This is a fundamental challenge in neuroscience.

The proposed right to mental privacy would protect individuals against unauthorized third-party intrusion into their brain data, preventing the unauthorized collection and leakage of such data. With the increasing availability of consumer-grade brain-computer interfaces connected to the Internet<sup>25</sup>,

<sup>24</sup> Nieto-Reyes, A., Duque, R., Montana, J. L. and Lage, C., *Sensors* 17, 1679 (2017), op. cit.

<sup>25</sup> This refers to the dynamic exchange of information that occurs between the customer and a company. Structuring the customer interface refers to following the three types of exchanges and interactions that can take place: (i) face to face; (ii) personal but remotely; and (iii) electronics.

more and more people are becoming users of neurological devices.<sup>26</sup> The brain information of an individual registered in neurological devices can be accessed without the owner's notice. This type of violations at the neural level can be more dangerous than conventional ones because they would bypass the level of conscious reasoning, leaving people without any protection to prevent them from having their mind read.

Brain waves would thus be protected not only as personal data, but also as generators of data or sources of information. In this sense, protection should cover not only data from the conscious brain but also data that is not stored under the individual's voluntary control, such as data obtained while sleeping. Paul Wolpe suggests that in the face of fear State oppression, a line should be drawn that limits the State meddling in the use of mind-reading technologies:

“The skull must be designated as a domain of absolute privacy. No one should be able to probe an individual's mind against their will. We must not allow it with a court order. We must not allow it for military or national security. We should renounce the use of technology in coercive circumstances, even though its use may serve the public good”.

The main idea of the above statement is that any mind-reading technique constitutes a fundamental affront to human dignity. The Law should deal with the activity of neurons, since they constitute the support of our thought and mind. In sum, neuronal activity could not be extracted from the brain without the consent of the individual and neither could it be used commercially. The mind is the person and the activity of his neurons. Both belong to each of us exclusively, unless we decide to share them.<sup>27</sup> From now on, my home *and my mind* are my castle.

### III.c. *The right to mental integrity*

The right to mental integrity, also known as the right to mental health, not only protect the individual against mental illnesses, but against illicit and harmful manipulations of people's neural activity through unwanted uses of neurotechnology. As the latter becomes integrated into the digital ecosystem and neural computing mathematical models enter the infosphere<sup>28</sup>, mental integrity is

<sup>26</sup> Shuster, Arthur and Cappelletti, Adriana (2017), Cognitive liberty Protecting the right to neuroenhancement, University of Western Ontario Medical Journal, US. Available at [http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1\\_05.pdf](http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1_05.pdf) april 2020.

<sup>27</sup> Travieso, Juan Antonio, (2019). In search of lost privacy, Ed. La Ley, Year LXXXIII No. 56, Buenos Aires Argentina, 03/22/2019. There the author mentions that in the case *Carpenter v. In the United States*, it was claimed that unauthorized entry into digital cell phone data pierces the wall of privacy with painstaking and organized intrusion into private affairs. How much more - we add - if the access is the data of the neuronal activity.

<sup>28</sup> The infosphere is a neologism composed of two words: information and sphere. It refers to an environment such as the biosphere, populated by information entities called inforgs. While an example of an information sphere is cyberspace, the infosphere is not limited to online environments.

threatened whenever protective measures are not implemented. The recognition of this new right will protect people against forced intrusion and alteration of their neuronal processes.

The growing field of memory engineering represents a primary challenge for the right to mental integrity. There are already several techniques that will serve in the future to selectively design, boost, or erase memories from a person's mind. For example, Nabavi and his colleagues<sup>29</sup> used an optogenetics technique to erase and later restore selected memories through the application of an optical laser stimulus that selectively strengthens or weakens synaptic connections.<sup>30</sup> Although the level of experimentation in humans has not yet been reached, these findings have enormous potential for the treatment of diseases such as Alzheimer's or post-traumatic stress disorder. However, its negative applications could be aimed at mental manipulation and brainwashing. In the long term, they could be used by surveillance and security agencies in order to selectively erase memories perceived as dangerous or inconvenient from people's brains, a subject that today is close to reality.

Thus, the recognition of this right will grant specific protection against interventions enabled by neurotechnology that involve an unauthorized alteration of the nervous system of a person, causing harm. The cognitive capacity of a person is based on an efficient neural organization that allows to obtain the best result with the minimum neuronal activity. According to one study, intelligence depends more on neural organization than on the volume of active neurons at the time of cognition.<sup>31</sup> The violation of the right to mental integrity would be caused by two coexisting factors: (i) direct access and / or manipulation of neuronal signaling; and that (ii) such access is not authorized by the informed consent of the neuronal signal generator.

Recently, some Chilean experts moved the debate on mental integrity into the legal arena. Chile aspires to become the first State in the world to legally protect

<sup>29</sup> Nabavi S, Fox R, Proulx CD, Lin JY, Tsien RY, (2014), Malinow R. Engineering a memory with LTD and LTP. *Nature* ; No. 511, ps. 348–52.

<sup>30</sup> Mentioned in Lenca, Marcello and Andorno, Roberto, Towards new human rights in the age of neuroscience and neurotechnology. *Life Sciences, Society and Policy* 13, p. 5 Published online (26/04/2017), available at <https://doi.org/10.1186/s40504-017-0050-1>.

<sup>31</sup> Erhan Genç et al., Diffusion markers of dendritic density and arborization in gray matter predict differences in intelligence. *Nature Communications*, Volume 9, Article number: 1905 (2018). doi:10.1038/s41467-018-04268-8. This study was led by neuroscientists Erhan Genç and Christoph Fraenz, from the Ruhr-Universität Bochum, in the German state of North Rhine-Westphalia. He used a specific neuroimaging technique to obtain information about the wiring of the brain at the microstructural level. The results are published in the journal *Nature Communication*. The researchers analyzed the brains of 259 men and women in perfect health and aged between 18 and 40 years. They used the orientation dispersion of neurites (extensions of neurons) and image density. This method allowed them to measure the amount of dendrites in the cerebral cortex, that is, extensions of nerve cells that cells use to communicate with each other in the performance of intelligence. All participants completed an IQ test. Subsequently, the researchers combined all the collected data and found that the smarter a person is, the fewer dendrites there are in their cerebral cortex.

the “neuro-rights” of its citizens. Lawmakers are expected to pass a constitutional reform blocking any technology that seeks to “enhance, weaken or violate” people’s mental integrity without their consent. The initiative was approved by the Senate and its main objective is to modify article 19, number 1, of the Fundamental Charter (Bulletin No. 13,827-19), to protect integrity and mental indemnity in relation to the advancement of artificial intelligence. Opposition Senator Guido Girardi, one of the bill’s sponsors<sup>32</sup>, is concerned about technology -whether algorithms, bionic implants or certain other devices- that could threaten people’s essence, their autonomy, their freedom and their free will. The text of the project remained as a single article, under the following wording:

*“Scientific and technological development will be at the service of people and will be carried out with respect to life and their physical and mental integrity. The law will establish the requirements, conditions and restrictions for its use in people, especially protecting brain activity and information about it”.*

While the Commission’s report stated:

*“The constitutional consecration of the right to neuroprotection derives from the need to protect human dignity against the use of new techniques, especially with regard to the protection of the ‘human brain’, a concept that is not exhausted only in a physical dimension but rather expands towards its dimension of mental potentiality that surrounds the mysteries of human existence and it is for that reason that it must have the maximum fundamental Jus-protection ”.*<sup>33</sup>

### *III.d. The right to psychological continuity*

In addition to the rights to privacy and mental integrity, the perception that each individual has about his own identity, can be at risk from inappropriate uses of neurotechnology. The right to psychological continuity shall be affirmed in order to preserve the personal identity and the continuity of the mental life of any individual, against possible external alterations carried out by third parties without their consent. As personal identity consists of experiencing oneself in time as the same person, psychological continuity constitutes a special instance of the right to identity, focused on neuroscience. Its recognition as a right aims to avoid the induced alteration of neuronal functioning, so that personal identity is

<sup>32</sup> The project was prepared by the Commission Challenges of the Future, Science, Technology and Innovation, chaired by Senator Guido Girardi, together with experts from academic entities and Rafael Yuste, who coordinates the Brain project (Brain Research through Advancing Innovative Neurotechnologies) and the group Morningside, comprising 25 leading law and ethics neuroscientists.

<sup>33</sup> France 24, “Neuroderechos”, Apuesta pionera de Chile para legislar el futuro, 06/05/2021, available at <https://www.france24.com/es/minuto-a-minuto/20210505-neuroderechos-apuesta-pionera-de-chile-para-legislar-el-futuro>.

not altered by third parties through the misuse of neurotechnology without the knowledge or consent of the owner.

As neurotechnologies develop and people gain access to new capabilities, individual identity can be significantly altered and therefore needs to be protected. The identity of the person has been defined by numerous authors. Sessarego, for example, affirms that “*personal identity is the set of attributes and characteristics that allow the person to be individualized in society*”.<sup>34</sup> These characteristics include both biological and cultural elements.<sup>35</sup> Identity is made up of physical and mental integrity, along with the sense of self-consciousness, that is, the ability to choose our actions. The right to personal identity is recognized by the Argentine block of constitutional rights.<sup>36</sup>

Another legal aspect threatened by the misuse of neurotechnologies is individual responsibility, since they could clearly alter people’s sense of identity and consciousness. People could be led to behave in such a way that later, they would not recognize such behaviours as their own. The basis to invoke the ignorance of the own actions can occur in cases in which machine learning and brain interface devices generate a faster-than-normal sequence between intention and action, using something like the present “autocomplete” function from computers, leaving no room for any kind of human reflection. Similarly, if a person can remotely control certain devices through his/her thinking, or if several brains are connected for collaborative work, the understanding of who we are and where we are operating will be affected.

At present, when a person faces brain surgery, the informed consent forms are concerned with mentioning the main physical risks, but not the possible effects that the device to be implanted may cause on the patient’s mood, personality or conscience. Science is currently going through experimental phases, consequently the possible negative consequences are not yet fully known. This is the reason why the debate must surpass the ethical and reach the legal field.

Brain stimulation could cause involuntary alterations in the psychological continuity of the person, ultimately affecting the identity of the individual. Several cases have been reported in the scientific literature in which deep brain stimulation has produced changes in behaviour, such as increased impulsivity and aggressiveness or changes in sexual behaviour. Similarly, memory engineering

<sup>34</sup> Fernández Sessarego, C., (2002), *Derecho y Persona*, Ed. Grijley, Lima, Perú, p. 67.

<sup>35</sup> Moriconi, Alejandro (2011), *La identidad personal. Un derecho que aguarda su pleno ejercicio*. Revista IN IURE, Año 1. Vol. 1. La Rioja, Argentina, p. 37 .

<sup>36</sup> CN, art. 75(19) protection of cultural identity and plurality; American Convention on Human Rights, art. 5 (1) personal integrity and physical, mental and moral identity; Convention on the Rights of the Child, art. 8 right of the child to preserve his identity, including nationality, name and family relationships, in accordance with the law without unlawful interference.

technologies can affect personal identity by selectively deleting, altering, adding, or replacing individual memories relevant to self-recognition as a person.

Beyond the medical-scientific chapter, advances in the field of neuroscience offer new and more efficient possibilities of producing non-consensual personality changes. For example, brain implants can be vulnerable to attacks by third parties who wish to exert malicious control over the user's brain activity. This risk of modifying a person's brain activity through the unauthorized use of neurological devices has been defined as brain-jacking. Its negative consequences can include theft of information, cessation of stimulation, drain of implant batteries, induction of tissue damage, and deterioration of motor function, among others. These are examples of ordinary violations of privacy and/or intimacy in their neurotechnological versions. However, other possible consequences of a brain robbery could be produced without violating mental privacy and integrity, namely the assumptions of alteration of impulse control, modification of emotions or affection, induction of pain and modulation of the reward system.

One of the less studied aspects of psychological continuity is the one that explores the emotional-affective dimension of the individual affected by any unauthorized changes brought by neurotechnology.

### *III.d.1. Psychological continuity and the relevance of emotions*

Social psychologists and neurobiologists have argued that cognition (in the sense of understanding, representation and justification) and emotion are not easily separated. Some even consider such a division obsolete<sup>37</sup>. Recent discoveries in neurobiology are bringing to debate a more integrated, mixed approach to understanding the relationship between cognition and emotion. This approach is based on the fact that emotions are closely related to consciousness as well as to cognitive perception and perception through the senses<sup>38</sup>. Martha Nussbaum calls emotions "*evaluations or value judgments*". She sees emotion as part of the cognitive process<sup>39</sup>. In other words, emotions influence our understanding of the world and, therefore, the decisions we make.

Legal practitioners and legal theorists rarely deny the importance of emotion altogether. Nevertheless, they hold the established view that law must be based on reason and that emotion has no place in it. Gerry Simpson refers to Kant in emphasizing the dominant orthodox, post-Enlightenment division of the mind into "*an instrument for calculation and the chambers of passion*". Moreover, he

<sup>37</sup> Haidt, Jonathan, (2001), 'The Emotional Dog and Its Rational Tail: A Social Intuitionist Approach to Moral Judgment', *Psychological Review* 108; Raymond J. Dolan, 'Emotion, Cognition, and Behavior', *Science* 298.

<sup>38</sup> Emma Hutchinson and Roland Bleiker, 'Theorizing Emotions in World Politics' *International Theory* 6 (2014), p.496.

<sup>39</sup> Nussbaum, Martha C. (2001), *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions* (Cambridge University Press, p.4.

points out the tendency “to regard emotion as unimportant and secondary”<sup>40</sup>. Pierre Schlag has written superbly about the misplaced (or irrational) commitment to reason in the American legal tradition. His criticisms apply equally to international law<sup>41</sup>.

Emotional aspects of the use of artificial intelligence require serious discussion and thought. Professor of International Relations Rose McDermott believes that understanding the role of human emotions in decision making is essential to building an effective and balanced policy toward the cyber domain<sup>42</sup>. For instance, International Humanitarian Law makes use of the “reasonable military commander” standard when evaluating the principle of proportionality. This standard against which that decision is to be evaluated is that of a person with all the experience, training, and understanding of military operations that is vested in a “reasonable military commander.”<sup>43</sup> This *reasonable* commander is so not because of a lack of emotion, but rather because of their capacity for human emotion, empathy, compassion, and understanding of the importance of human dignity. From the perspective of the opponents to lethal automatic weapon systems, emotion is necessary in time of war for meaningful human control. This example illustrates the involvement of emotion in all issues of Law. International lawmaking and law enforcement are aimed at combating global threats to human health, ensuring safe and adequate food, regulating warfare in the most humane possible way and they are now drawing a line to the use of neurotechnologies. In doing so, the laws that are passed and enforced are not solely determined by rational facts and data. Law affects and contributes to emotions, and emotions, in turn, affect the perception of the Law<sup>44</sup>.

The reluctance to acknowledge the influence of emotion because of fears -perhaps justified- that vague, subjective, ephemeral feelings might threaten the objective, tangible, rational foundations of international law is, in our view, an unwillingness to accept the world as it is. We must recognize that emotions are not prejudices and departures from truth that must be eradicated. They must be understood and embraced as a central component of informed decision-making<sup>45</sup>.

Finally, the right to psychological continuity is also an important issue in the context of national security, where mandatory personality change interventions

<sup>40</sup> Simpson, Gerry (2015). The Sentimental Life of International Law’ *London Review of International Law* 3(1), pp.10-11

<sup>41</sup> Schlag, Pierre (1998) *The Enchantment of Reason* (Duke University Press).

<sup>42</sup> McDermott, Rose (2019). Some Emotional Considerations in Cyber Conflict’ *Journal of Cyber Policy* 4(3).

<sup>43</sup> Henderson, Ian & Kate Reece (2018), Proportionality under International Humanitarian Law: The “Reasonable Military Commander”, *Vanderbilt Journal of Transnational Law*, May 16, ps. 845-6, available at <https://www.transnat.org/post/proportionality-under-international-humanitarian-law-the-reasonable-military-commander-8221>

<sup>44</sup> On the impact of law on emotion, see Minow, Martha, (2015), *Forgiveness, Law and Justice*, California Law. Martha Minow, ‘Forgiveness, Law, and Justice,’ *California Law Review* 103, p.1627.

<sup>45</sup> Saab, Anne (2021), *Emotions and International Law*, *ESIL Reflections* 10:3.

could be justified in the light of strategic objectives. Brain interventions that reduce the need for sleep are already in use in the military, and it's easy to imagine interventions that make soldiers more belligerent or courageous. In 1999, a committee of the European Parliament called for a global ban on research

“that seeks to apply knowledge of the chemical, electrical, (...) or other functioning of the human brain, to the development of weapons that can allow any form of manipulation of human beings”<sup>46</sup>

In all the aforementioned situations there is a common pattern: the unauthorized modification of the cognitive-emotional-affective dimension of the individual, and consequently, a violation of the right to psychological continuity is produced.

#### IV. CONCLUSIONS

We have seen the growing importance of neurotechnologies applied to solving specific problems. Firstly, the BRAIN Initiative constitutes the touchstone of these advances and although there is still a long way to go, the possibility of mapping the human brain will radically change our vision and understanding of what it means to be “human”.

Secondly, we focused on certain problems that arise when considering the new intersections between technology and neuroscience. We emphasized that privacy and integrity, the perception of one's own self, the greater physical and mental capacities that a person can acquire, and the risk of transferring prejudices to the algorithms of programs, are threats that clearly arise from the improper application of neuroscience, regardless of other certainly beneficial possibilities. In response to these potential abuses, the reaction of the Law is aimed at regulating, from a participatory, comprehensive, integrative and multidisciplinary perspective those unwanted but foreseeable consequences.

The new neuro-rights proposed tend to respond to these challenges. Some answers accommodate classical freedom concepts to the possibility of acting on neural activity, such as cognitive freedom, privacy, and integrity. Others start from entirely new assumptions, such as the psychological continuity of the person. What for decades was pure science fiction is now presented as a possibility. The proposal to affirm neurospecific human rights in response to emerging advances in neurotechnology is coherent and constitutes a logical continuation of the development of human rights theory. The Law of the 21st

<sup>46</sup> Commented in Shuster, Arthur and Cappelletti, Adriana (2017), Cognitive liberty Protecting the right to neuroenhancement, University of Western Ontario Medical Journal, US. Available at [http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1\\_05.pdf](http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1_05.pdf), april 2020.

century are due to intertwine classical and modern rights with other genetically specific rights, in response to advances in genetics and genomics. Some of them are already established in the Universal Declaration on the Human Genome (1997), the Convention for the Protection of Human Rights and Dignity of the Human Being with regard to the Application of Biology and Medicine (1997), and the International Declaration on Data Human Genetics (2003).<sup>47</sup> The Convention is the only international legally binding instrument on the protection of human rights in the biomedical field. It draws on the principles established by the European Convention on Human Rights, in the field of biology and medicine. It is a framework Convention aiming at protecting the dignity and identity of all human beings and guarantees everyone, without discrimination, respect for their integrity and other rights and fundamental freedoms with regard to the application of biology and medicine. It sets out fundamental principles applicable to daily medical practice and is regarded as such at the European treaty on patient's rights. It also deals specifically with biomedical research, genetics and transplantation of organ and tissues.

We are at the start of the discussion, almost at the beginning of a career of which we ignore its full length. There are not yet even different perspectives or competing schools on the issues discussed. The need to enact legislation to preserve humanity and the very nature of what we refer as what is to be human is a key element, and we shall not alter its essence, made up of reason and emotion.

## REFERENCES

- Bublitz, J. C., & Merkel, R. (2009). Autonomy and authenticity of enhanced personality traits. *Bioethics*, 23(6), 360–374.
- Bublitz, J. C. (2013). My mind is mine!? Cognitive liberty as a legal concept. In E. Hildt (Ed.), *Cognitive enhancement* (pp. 233–264). Dordrecht: Springer.
- Bublitz, J. C., & Merkel, R. (2014). Crimes against minds: On mental manipulations, harms and a human right to mental self-determination. *Criminal Law & Philosophy*, 8(1), 51–77
- Erhan Genç et al., Diffusion markers of dendritic density and arborization in gray matter predict differences in intelligence. *Nature Communications*, Volume 9, Article number: 1905 (2018). doi:10.1038/s41467-018-04268-8 .

<sup>47</sup> Declaración Universal sobre el genoma humano y los derechos humanos, UNESCO, Conferencia General, 11/11/1997. Convention for the Protection of Human Rights and Dignity of the Human Being with regard to the Application of Biology and Medicine: Convention on Human Rights and Biomedicine (ETS No 164) was opened for signature on 4 April 1997 in Oviedo (Spain). The provisions of the Convention are further elaborated and complemented by Additional Protocols on specific subjects. Available at <https://www.coe.int/en/web/bioethics/oviedo-convention> . Declaración Internacional sobre los Datos Genéticos Humanos, UNESCO, 16/10/2003.

- Fernández Sessarego, C., (2002), *Derecho y Persona*, Ed. Grijley, Lima, Perú, p. 67.
- Glannon, W. (2008). Stimulating brains, altering minds. *Journal of Medical Ethics*, 35(5), 289–292.
- Gomez Abajo, C. (2017). La inteligencia artificial tiene prejuicios pero se pueden corregir, *El País*, Sección Economía, España, 28/08/2017, en internet [https://retina.elpais.com/retina/2017/08/25/tendencias/1503671184\\_739399.html](https://retina.elpais.com/retina/2017/08/25/tendencias/1503671184_739399.html).
- Julia Angwin and Jeff Larson, *Bias in Criminal Risk Scores Is Mathematically Inevitable, Researchers Say*, en ProPublica, 30/12/2016. En internet <https://www.propublica.org/article/bias-in-criminal-risk-scores-is-mathematically-inevitable-researchers-say>.
- Minow, Martha, (2015), *Forgiveness, Law and Justice*, California Law. Martha Minow, 'Forgiveness, Law, and Justice,' *California Law Review* 103, p. 1627.
- Moriconi, Alejandro (2011), *La identidad personal. Un derecho que aguarda su pleno ejercicio*. . Revista *In Iure*, Año 1. Vol. 1. La Rioja, Argentina, ps. 34-41 .
- Mullane, M. Eliminar los sesgos de los algoritmos, *E-Tech*, International Electrotechnical Commission, 06/2018 <https://iecetech.org/issue/2018-06/Eliminating-bias-from-algorithms> available april 2020.
- Nabavi S, Fox R, Proulx CD, Lin JY, Tsien RY, Malinow R. Engineering a memory with LTD and LTP. *Nature* (2014); No. 511, ps. 348–52.
- Saab, Anne (2021), *Emotions and International Law*, ESIL Reflections 10:3.
- Shuster, Arthur, y Cappelletti, Adriana (2017). *Cognitive liberty Protecting the right to neuroenhancement*, University of Western Ontario Medical Journal, US. Available at [http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1\\_05.pdf](http://www.uwomj.com/wp-content/uploads/2015/09/v84no1_05.pdf) .
- Travieso, Juan Antonio. (2019). *En busca de la privacidad perdida*, Ed. La Ley, Año LXXXIII N° 56, Bs. As. Argentina, 22/03/2019.